

HELLER, Agnes. "Sobre males, o mal, o mal radical e o demoníaco". Tradução de Christopher James Eland. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 13, n. 39, pp. 341-352, dezembro de 2014. ISSN 1676-8965

DOSSIÊ

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

Sobre males, o mal, o mal radical e o demoníaco¹

Agnes Heller

[Tradução de *Christopher James Eland*]

Resumo: O presente artigo examina o problema do mal de uma posição pós-metafísica. A distinção entre o bem e o mal parece ser uma tarefa urgente no mundo após a "morte de Deus".

Palavras-chave: Arendt, banalidade, mal, bondade, Kant, o mal natural, o mal radical.

¹Esse texto foi gentilmente cedido para tradução pela *Critical Horizons* onde a versão original apareceu no N. 12.1 (2010).

A tradição filosófica normalmente distingue entre o mal natural (ou males naturais no plural) e o mal moral no singular. A natureza inflige males sobre os seres humanos na medida em que eles também são natureza. Doenças, terremotos, e inundações são males naturais que afetam muitos de nós, enquanto a morte atinge a todos nós. No entanto, os seres humanos raramente sentiram-se satisfeitos com a atribuição dos males naturais às forças naturais cegas. Não é possível compreender forças naturais cegas. Porém, os seres humanos desejam compreender e em seu desejo satisfazer essa necessidade de compreensão, eles frequentemente culpam os outros seres humanos pelas catástrofes naturais. Atribuem-nas às práticas obscuras de seus inimigos, a bruxaria ou maldição, ou ainda, a um criminoso, um pecador, que, escondido em seu meio, como Édipo, envenenou toda a cidade com a peste.

Nas religiões judaico-cristãs o problema tornou-se mais complexo. Quando Deus criou o Universo, ele disse que todos os dias seriam bons. Mas como pode um universo bom permitir as catástrofes naturais, tais como a doença, a fome, ou até mesmo a infertilidade? E se essas catástrofes forem simplesmente punições pela maldade, como um Deus justo permite que os mesmos males naturais atinjam ambos os virtuoso e os injustos? Em meio a grande variedade de respostas a estas perguntas, eu enumerarei apenas duas que foram sugeridas por Leibniz. Em primeiro lugar, o universo não é formado apenas por seres humanos, mas por todos os seres vivos, e aquilo que pode ser considerado como mal natural para os seres humanos ainda pode beneficiar abundantemente os outros seres. Em segundo lugar, nós não conhecemos o plano divino, ele permanece oculto. Não vemos o desenho da tapeçaria inteira, apenas um cantinho dela.

O iluminismo pôs fim a tais especulações. Forças naturais foram vistas a partir de então como cegas, males naturais, como

acontecimentos contingentes que obedecem as leis da natureza. Voltaire e outros declararam o fim da teodicéia após o terremoto de Lisboa. No entanto, este não foi o fim da questão sobre a responsabilidade humana. A questão não era mais se um olhar maledicente, como a bruxaria, a maldição, ou mesmo o pecado trouxe os males naturais que nos afligem, mas se esses males naturais poderiam ter sido evitados pela previsão humana, se as pessoas ou instituições podiam ser culpadas pela indiferença, a falta de interesse ou preocupação como, por exemplo, nos casos de epidemias em que a negligência de vacinação ou a limpeza dos poços contribuíram fortemente com a força do mal natural. A questão moral em jogo não era mais o que foi feito, mas o que poderia ter sido evitado. Essa preocupação com a responsabilidade humana por males naturais catastróficos devido à omissão tornou-se muito mais forte a medida que mais instrumentos para o alívio dos impactos de males naturais tornaram-se conhecidos e disponíveis. Ainda hoje nos deparamos com as mesmas perguntas, depois de um tsunami ou um Furacão Katrina.

Sejam quais forem as explicações ou interpretações, é difícil traçar uma linha divisória rígida entre o mal natural e moral. Embora não seja sempre o caso, o mal moral frequentemente contribui para os males naturais. É verdade que a morte natural não é infligida pelo mal moral, e mesmo a morte prematura nem sempre pode ser evitada através cuidado humano e providente. O sofrimento corporal normalmente não é causado pelo mal ou evitável através da bondade. Ainda assim, muitos atos moralmente maus infligem o mal natural sobre uma ou mais pessoas. A morte é um mal natural. O assassinato é um mal natural causado pelo mal moral. Alguém pode se ferir na queda de uma árvore, mas também por ter sido brutalmente espancado. Se um pai deixa de chamar um médico para seu filho doente que

poderia ser curado, e por causa disso o filho morre o pai também é moralmente culpado. Certamente, uma culpa em escala diferente do assassinato.

No entanto, a nova abordagem pós-iluminista, que coloca a ênfase na culpa de não ter conseguido impedir o mal natural ainda trata o mal de acordo com a interpretação metafísica tradicional. Esta tradição, que se originou com Plotino e se generalizou na filosofia cristã, argumenta que não há mal no universo. O mal – inclusive o mal moral – é apenas uma ausência, a ausência do bem, uma não-existência. Todavia, deixamos o pensamento metafísico para trás e já não ponderamos sobre o bem ou o mal como substância ou ausência. Em vez disso, tentamos refletir sobre a estação central localizada na linha ferroviária que passa da bondade absoluta ao mal radical.

Vamos começar nossa viagem na estação ferroviária da bondade absoluta e depois proceder em direção à estação final, que podemos chamar de mal radical. Acerca da metade do caminho estaríamos inclinados a aceitar a conclusão tradicional, pois até este ponto vamos encontrar o tipo de mal que poderia ser descrito como a ausência do bem. No entanto, aqui não é a ausência total do bem, mas uma ausência parcial, ausência em algumas situações específicas. Em breve admitiremos que nosso ponto de partida, o ponto do bem absoluto, é raro, e este fenômeno raro está para além da explicação. A bondade absoluta requer um gênio, ou na linguagem religiosa, a benção divina. No entanto, mesmo que a bondade absoluta esteja além da nossa compreensão, podemos descrever a essência da primeira estação como próxima da bondade absoluta, mesmo que não seja absoluta. Essa situação é habitada por pessoas decentes e justas que sofrem injustiças ou castigos, não ofendem os outros, mas não se voluntariam no sofrimento para os outros. Esses personagens justos têm uma disposição para o bem, e

quando não conseguem atingir a norma de seu caráter, se arrependem.

A média dos personagens encontra-se nas próximas estações em nossa linha ferroviária. Esses personagens conhecem o bem, mas não conseguem fazê-lo, pois eles são levados por suas paixões ou motivados por seus próprios interesses. Eles são os personagens que Kant chamou de mau, até mesmo de mal radical, pois eles são aqueles que invertem a hierarquia das máximas, dando prioridade às máximas egoísticas contra as defendidas pelo imperativo categórico. Este tipo de “mal”, ao menos para mim, ainda é apenas a ausência da bondade. Se os homens e as mulheres considerados “radicalmente maus” por Kant pudessem obter tudo o que desejassem, se pudessem ser ricos e bem sucedidos permanecendo bons, eles certamente prefeririam ser bons. Porém, infelizmente, eles criam exceções para seus próprios comportamentos porque só se vive uma vez.

Eu não descreveria mais os personagens que habitam as próximas estações ferroviárias em termos negativos – eles não representam apenas a ausência do bem. Os habitantes dessas estações não podem distinguir entre o bem e o mal, e são, portanto, na sua maioria, inconscientes de ter feito algo moralmente repreensível. Eles não têm consciência disso porque não se importam. Alguns deles são brutais com inclinações sádicas e sentem satisfação no sofrimento dos outros, alguns são cínicos frios que gostam de jogar o jogo de gato e rato. Portanto, todos eles usam outras pessoas apenas para seu próprio prazer e benefício. Eu os descrevo como personagens “maus” por uma razão simples: seu caráter é o oposto dos personagens de pessoas justas. Assim como o caráter do personagem justo está disposto a fazer o bem, o caráter dos maus está disposto a fazer o mal, embora possam fazer algum bem acidentalmente. Se é possível esperar racionalmente, a partir da fun-

damentação na experiência, que – em várias situações – uma pessoa vai agir para prejudicar outras pessoas a fim de obter benefício ou prazer próprios, pode-se descrever essa pessoa como um personagem mal e perverso. Se um personagem mau tem esse caráter e essa disposição para fazer o mal, a maldade do personagem não mais pode ser simplesmente descrita como a ausência do bem.

Os crimes violentos não são cometidos apenas pelos personagens maus, mas os personagens maus estão “prontos” para essas situações, pois eles não podem diferenciar o bem e o mal. Alguns deles assassinam por interesse ou prazer, outros torturam criaturas dependentes, entre eles chamados seus “amados”, e outros usam a força para humilhar e destruir. Os romances do Marquês de Sade estão repletos de tais personagens.

Quando convidei os leitores a me acompanhar nessa jornada ferroviária entre o bem absoluto e o mal radical, logo após a discussão do mal moral como fonte do mal natural, eu posso ter dado a impressão falsa de que o mal moral não inflige nenhuma dor quando comparado ao mal natural. Esta é a conclusão errada, pois mesmo no caso em que o dano é feito ao corpo, um ato mau causa danos à psique e a alma simultaneamente. A humilhação e a crueldade agravam o dano corporal e podem ter mais importância que a própria lesão corporal. Um ato mau também pode infligir o mal sem qualquer dano corporal. O jovem David Copperfield pode nos servir de exemplo. A indiferença em relação à sensibilidade do outro, a negligência quanto à própria existência do outro, de suas necessidades e desejos – este tipo de crueldade mental pode ferir o outro mais profundamente do que ser espancado ou levar uma tapa no rosto. Claro, mesmo uma pessoa justa pode ferir a alma do outro, mas caso ela tenha uma disposição justa e voltada para o bem, ela atenta para o dano

causado e pede perdão. O personagem “mau” na tipologia de Kant não vai se importar, e vai quase sempre, racionalizar a sua falta de preocupação e justificá-la. Ainda a respeito do personagem mau, descrito acima, aquele com disposição para o mal, seria inútil tentar distinguir se ele deseja ferir o corpo ou a alma. Deixe-me ilustrar os tipos de caráter moral por meio dos quatro irmãos Karamazov. Aliocha é bom, seu caráter se dispõe ao bem, mesmo que, acidentalmente, ele prejudique o outro. Stavrogin, o parricida, é mau, seu caráter, assim como o caráter de seu pai, tem predisposição a fazer o mal, enquanto Dimitri e Ivan são os tipos “kantianos” de mal, isto é, eles não são maus por sua disposição, porém são levados pelas paixões quentes ou frias, respectivamente.

Nós todos conhecemos personagens maus muito bem. Conhecemos o tipo “Kantiano”, o personagem que inverte a hierarquia das máximas morais de cabeça para baixo. Também conhecemos personagens que estão dispostos a fazer o mal. Se tivermos sorte e nunca nos depararmos com esse último tipo em nossas vidas, ainda assim os conheceremos bem a partir de romances e dramas literários. Todo mundo que leu *Tom Jones* conhece Blifil, assim como também conhecemos o anão mau de *José e seus Irmãos* de Thomas Mann, ou João o Bastardo de *Muito Barulho por Nada* de Shakespeare. Em todos eles, o mal provém de seu caráter, estas são suas disposições de caráter. Personagens maus, como sabemos, tentam destruir o outro, motivados pela paixão destrutiva (por exemplo, o ódio, o ciúme, a inveja, o desejo) ou pelo interesse. Nas obras de ficção, o destruidor pode ser destruído, ou pelo menos os seus planos podem resultar em nada. Lembre-se de Iago ou Tartufo.

Os tipos de romance especializados na caracterização de personagens maus que infligem o mal natural são os romances policiais e os thrillers. Os romances policiais e

thrillers servem como casos onde a morte é dissecada e em que a morte prematura de alguém é causada pelo ato de um personagem mau, ou ao menos por um personagem com ausência de bondade. Em thrillers, os personagens assassinam motivados por três sentimentos diferentes: a paixão, o interesse ou a compulsão. Crimes passionais às vezes são cometidos por personagens sem disposição para o mal, como no caso de Otelo. Esses personagens e outros semelhantes são essenciais num drama, mas eles não são figuras particularmente interessantes em thrillers, pois normalmente se sacrificam ou punem a si mesmos, assim como Otelo fez. Um investigador deve investigar sua história precisa de assassinos que tentem encobrir seus próprios crimes. No processo de investigação, até crimes passionais deverão ter sido comprovadamente cometidos por personagens malvados, ou pelo menos por personagens sem disposição para o bem. Nos romances de Agatha Christie, quase todos os assassinatos são motivados por interesse, em primeiro lugar por interesses pecuniários, e o restante por vingança, enquanto nos romances de Ruth Rendell a motivação é a compulsão, especialmente a compulsão psicológica, que parece ser um dos motivos principais. Eu gostaria de destacar que a compulsão psicológica não transforma um personagem mau em um não-mau, já que por qualquer razão ou sentido, o crime sempre deriva da disposição de caráter do personagem.

Romances policiais são fontes confiáveis de informações sobre personagens prontos para o mal supremo. Os assassinos são diferentes, e o leitor pode se interessar, para além do comum “quem fez isso?”, também pelas suas mentes e almas. Eles não são figurinos de papel-marchê. Eles também fazem várias coisas corretas, podendo inclusive amar. Os leitores são frequentemente criticados por interessarem-se mais pelo mal do que pelo bem, mas isso é enganoso. Em-

bora as raízes da bondade não possam ser realmente entendidas, a boa ação pode ser entendida facilmente. Não podemos perguntar por que Cordélia é boa, apesar de entendermos que ela é boa. Também podemos perguntar o que tornava suas duas irmãs más, embora possamos levar certo tempo para perceber a profundidade da sua maldade. A Bondade não é interessante, apenas a beleza o é.

No entanto, mesmo que esses tipos de personagens maus possam ser interessantes, nem todos eles o são e nem todos eles nos atraem. Assim como não atraem os outros personagens dos romances ou dramas em que eles desempenham o seu papel. O tipo de vilania assassina comum não é de fato atraente. Podemos perguntar por que uma pessoa agiu assim, ou como ele tornou-se um personagem capaz de assassinato. Pode existir uma fascinação com o “por que” do ato, porém nenhuma fascinação pelo personagem em si. Nós todos conhecemos a partir da nossa experiência da vida o tipo de mal descrito por Kant, o mal que é não mais que a ausência de bondade e raramente atinge o limite máximo. Romances e peças de teatro estão cheios desses personagens. Comédias são baús do tesouro repletos de maridos ciumentos, profissionais invejosos, pais mesquinhos e políticos corruptos que não são perversos, mas fazem maldade, entre outras coisas, usando o seu poder e sua autoridade. Eles são desprezíveis, em vez de atraentes. Uma pessoa má que é também uma comediante não pode ser atraente para o espectador ou leitor.

Existem, no entanto, vilões mesquinhos não cômicos que também têm charme. Os romances de Jane Austen, por exemplo, estão cheios de retratos de homens jovens sem consciência que seduzem meninas e cobiçam o seu dote. Eles são, em grande parte, personagens mesquinhos, mas estão prontos para sentir remorso, se derrotados, e até mudar os seus hábitos se puderem con-

seguir o que querem através de meios decentes. Se eles são atraentes não é por causa da sua vilania, mas pelo seu sucesso em escondê-la. Eles podem se sobressair em lição, em enganar os crédulos, e são grandes hipócritas.

Permitam-me resumir nossos resultados até agora. Nem os personagens que não possuem boas disposições, nem aqueles com disposições perversas são geralmente atraentes. Se esses últimos o são, isso não acontece por causa da característica da sua vilania, mas porque eles conseguem encobri-la por um tempo.

No entanto, o mal radical é ou pode ser atraente. É atraente porque é demoníaco. Para formulá-lo de maneira mais sucinta, vou chamar mal radical o tipo de mal que é, ou pode ser demoníaco, pois é atraente. Eu chamo o mal atraente e demoníaco de mal radical. Mas, o que faz o mal radical, ou seja, o que faz o mal atraente ou demoníaco?

O mal radical tem uma história, assim como todas as outras coisas. Foi representado pela primeira vez em formas não-humanas. Tiranos e déspotas eram vistos como maus, mas eles não eram demoníacos. Os primeiros demônios eram monstros que espalhavam doenças, e todos os dias satisfaziam seus desejos homicidas com a carne de uma donzela. O deus persa Arimã, a imagem maniqueísta do criador do mal, assim como o nosso Diabo, foram os sucessores de tais monstros. Em *A República*, Livro IX, em sua discussão da alma tirânica, Platão foi talvez o primeiro a descrever o tipo de mal que hoje é chamado “radical” como simplesmente uma característica humana, dando assim o exemplo para nossa compreensão do mal radical nos dias de hoje.

O caráter maligno, ou seja, as disposições para o mal de um indivíduo podem ser consideradas radicais se a razão, por um lado, e as paixões e os desejos colaboram em conjunto. Há homens com desejos corruptos ou paixões destrutivas, e se estes

constituem o seu caráter, o personagem pode ser chamado de mal. No entanto, eles não são radicalmente maus. Eles não possuem seguidores devotos, eles não provocam admiração, e sua maldade não é viciante nem atraente, como Calibã na *Tempestade* de Shakespeare. Eles assassinam num estado de raiva, eles desejam sangue e cadáveres, eles estupram as mulheres sem discriminação, mas afinal chega o momento em que eles estão saciados com a destruição e não podem continuar. Reunidos num bando essas criaturas brutais e basicamente estúpidas podem matar centenas, mas eles nunca vão matar todo um povo ou uma cidade inteira.

Há também os homens da razão corrupta que se consideram superiores ao resto de seus companheiros através da formulação de máximas morais más. Uma máxima é um princípio que orienta as ações e escolhas de uma pessoa. Nós normalmente herdamos máximas que fazem parte do nosso ambiente, ainda que elas não estejam sempre claramente definidas. No entanto, muitas delas são bastante claras, como não mentir, trair nossos amigos, prejudicar os outros intencionalmente, reciprocamente os presentes e amizade dos outros, ajudar os necessitados e assim por diante. Às vezes nós também herdamos máximas ruins, tais como seguir sempre os nossos interesses para que não sejamos considerados estúpidos ou despreparados para a vida, ou não confiar em qualquer um porque isso será visto como sinal de fraqueza. Normalmente, porém, máximas ruins não são o oposto de máximas boas, mas podem sugerir uma maneira de ludibriá-las.

Máximas más são aquelas que invertem as moralmente boas, ou demonstram indiferença moral. Nesse último caso, é indiferente se alguém é guiado por “A” ou “não-A”, por exemplo, “você não deve matar” ou “você deve matar”, pois se é inteiramente indiferente ao fato de que você deve matar ou não. A máxima do mal é indiferente por-

que ela vê a proibição de assassinato como um mero costume, a natureza não tem nada a ver com isso. Assim, uma pessoa que é tola se ela segue um princípio artificial e histórico que é danoso aos seus próprios interesses e prazeres. Os cínicos sugerem que um homem inteligente aceita a máxima que promove o assassinato ao invés de uma que o proíbe. Argumentos assim são frequentemente defendidos por personagens em diálogos e romances como Rameau no diálogo *O Sobrinho de Rameau* de Diderot ou o libertino nos romances de Sade, ou Vautrin na *Comédia Humana* de Balzac.

No entanto, os homens de razão corrompida não são radicalmente maus. Às vezes eles não são personagens do mal de maneira alguma. Podem até não serem homens de razão corrompida, mas que querem experimentar com sua lógica. Seus argumentos podem ser percebidos como piadas, como paradoxos, como desafios filosóficos ou provocações. Porém, eles também podem ser considerados com seriedade e seguidos na prática. Nas obras de Platão, Trasímaco e Cálicles são personagens assim. É necessário repetir que os homens de razão corrompida e aqueles que experimentam com suas ideias, normalmente consideram-se superiores à multidão estúpida e enlouquecedora com seus espectros de virtude. Esses exemplos nos dizem tudo. Nem Cálicles ou Trasímaco são personagens radicalmente maus. Trasímaco era um tirano e poderia ter agido de acordo com seus princípios, mas não há indicações que ele realmente fez isso. Não sabemos nada de Cálicles, e talvez ele tenha sido inventado por Platão somente para facilitar o argumento. O sobrinho de Rameau certamente não é um personagem radicalmente mal, na verdade, nem mesmo mau. Ele não faz mal a ninguém a não ser a si próprio. Não há nenhuma indicação de que qualquer um deles poderia ser carismático ou demoníaco.

Entretanto, o que dizer sobre o Marquês de Bressac em *Justine* de Sade ou Vautrin de Balzac? Ou os casos de Ricardo III, Edmundo e Macbeth de Shakespeare ou Tartufo de Moliere? A “especialidade” desses personagens é que eles combinam os dois aspectos do mal discutidos anteriormente: as paixões corruptas e a razão corrompida.

Só podemos encontrar o fenômeno que estamos justificando chamar de mal radical se as máximas más fundirem-se com o mal do mundo instintivo. As combinações entre as duas perversões, ou seja, a perversão da mente e a perversão da alma, não são muito frequentes. O personagem do mal radical deve manter suas máximas perversas absolutamente, da mesma maneira que o personagem bom deve manter as suas. Esta obediência estrita às máximas más pode emprestar um brilho de grandeza à pessoa radicalmente má. Além disso, suas máximas que invertem as máximas dos dez mandamentos são um ato de revolta, revolta contra a ordem divina, revolta contra a raça humana na sua fraqueza e servidão. Personagens radicalmente maus são guerreiros. No entanto, eles também são oportunistas. Seus princípios, se seguidos de forma consistente, prometem-lhes riqueza e força, poder e adoração. Suas paixões e desejos motivam-nos a converter seus princípios em ação. Esse tipo de mal é demoníaco e é atraente porque a ilusão de grandeza que possuem aparece como se fosse grandeza verdadeira, já que os princípios do mal também liberam seus seguidores do fardo das virtudes, fazendo-os seguir vícios como se fossem virtudes.

Essa ilusão de grandeza pode, de fato, implicar num tipo de grandeza real, pois esses personagens colocam tudo em jogo e mantêm-se fiéis mesmo na derrota. Eles exibem consistência e essa consistência lhes eleva acima da mesquinhez quotidiana do “mais ou menos”. É por isso que eles podem também ser apresentados como per-

sonagens trágicos, pelo menos antes dos tempos modernos. Porém, sua grandeza é ilusória porque a atração se mantém funcionando apenas enquanto o vilão radical chega cada vez mais perto de obter o poder absoluto, ou já está de posse dele. A atração do demoníaco é uma combinação de várias emoções, entre elas o amor e o medo. Depois de sua derrota a atração diminui, e aqueles que os adoravam nem sequer compreendem a si mesmos. Descontentamento e mudança de posição dos seguidores podem, é claro, ocorrer antes da queda dos malvados. No entanto, eles ainda parecem maiores do que a vida, como na fotografia ampliada ou numa estátua grandiosa. Mas, ao invés de serem amados e temidos, eles serão amaldiçoados e temidos.

Cada personagem radicalmente mau é um vilão diferente dos outros vilões. Shakespeare retratou três – Ricardo III, Edmundo e Macbeth, mas ainda assim havia algo que todos compartilhavam. Todos eles viveram e morreram de acordo com seus próprios princípios maus. Ricardo III determinou-se em ser um vilão e permaneceu um vilão mesmo depois de resistir a uma breve tentação para o bem; Macbeth, que disse que “justo é sujo e sujo é justo” viveu e morreu segundo esse padrão. Edmundo elaborou toda uma teoria de “lei natural” como o princípio orientador para suas ações. As mesmas ou semelhantes teorias de “lei natural” servem como máximas ou pelo menos como justificativas filosóficas para Bressac em Justine, ou Vautrin de Balzac. Esses personagens são motivados pelo submundo de sua própria alma. Ricardo III, o calculador frio e racional, hipócrita e ator, é alimentado pela ambição e paixão da vingança. Macbeth é alimentado pelas paixões da ambição e do desejo de provar a sua virilidade. A alma de Edmundo, também, é alimentada pela paixão por vingança, pelo desejo de poder e fama, e pelo ódio por seu irmão e pai. Bressac é um “sádico” que tem prazer na tortura,

que se excita sexualmente com a crueldade e tem um desejo insaciável de riqueza. Vautrin é um criminoso comum, que depois de escapar da prisão, mantém homens ambiciosos em cadeias como motivadores para sua própria ambição. Todos eles são assassinos.

É óbvio até o momento que, embora todos os personagens radicalmente maus sejam diferentes eles compartilham muitas coisas, sobretudo a colaboração das máximas más e o submundo das suas almas, que é a própria fonte do seu poder demoníaco. Em Shakespeare, Ricardo III e Edmundo são demônios no sentido mais estrito da palavra. Ricardo ganha o amor de Anne cujo marido ele matou, enquanto Regan e Goneril desenvolvem uma atração sexual mortal por Edmundo e estão prontos a morrer e matar por ele. Só Macbeth não é demoníaco nesse sentido, talvez porque o submundo de sua alma controle o seu princípio e não o contrário. Justine se apaixonou pelo mau Bressac, e os homens jovens caíam sob o feitiço de Vautrin, a quem todos temiam, e alguns obedeciam.

O caso de Bressac estabelece o mal radical não no teatro político, mas na esfera privada. A influência de Tartufo, o demônio de Molière, comprova isso. Tartufo não é um hipócrita simples. Sua influência demoníaca é tão forte que Dona Pernelle não acredita nos seus próprios olhos quando ele é desmascarado. *Tartufo* de Molière é uma comédia, não por causa do anti-herói que é derrotado pelo povo do senso comum e da bondade, mas porque o autor mobiliza um tipo de “*deus ex machina*.” De todos os dramas e romances que retratam personagens radicalmente maus, *A Comédia Humana* de Balzac é o mais pessimista. Vautrin, o assassino demoníaco, torna-se, no final do livro, o chefe da polícia. Está é uma afirmação política.

Na obra de Shakespeare, pelo contrário, todos os vilões demoníacos são derrotados e perdem o seu carisma na derrota. Isto é

tanto uma afirmação política quanto moral. Ricardo III de Shakespeare foi reproduzido como Hitler, e alguns anos depois como Stalin no Teatro Nacional Húngaro. Ambos serviram para o papel e o público aplaudiu. A dimensão política dessa obra dramática do jovem Shakespeare consiste na extensão da sua representação de um regime despótico que se assemelha a um totalitário. O que nós vemos não é somente o funcionamento do mal demoníaco, mas também a máquina inteira do poder criada e mantida em funcionamento através o mal. Vemos também os seguidores enfeitiçados que, motivados por suas próprias paixões, desejos e interesses, tornam-se os pequenos espelhos de um mal radical localizado acima deles.

No entanto, nesse ponto já deixamos a literatura pra trás. Até o século vinte duas figuras históricas ou quase históricas viveram na memória do povo de tradição judaico-cristã, como símbolos do mal radical – Haman do Livro de Ester, e o imperador Nero. A mente de Haman estava determinada a produzir o genocídio dos Judeus. Ele foi motivado era vingança. Mas, como sabemos, ele não pode completar o seu “projeto” por causa da intervenção da Rainha Ester. Essa narrativa importante mostra que a preparação para o assassinato em massa motivada pelas paixões más agindo em harmonia com as máximas más, marca o autor radicalmente mal, mesmo que ele falhe na produção de suas consequências. A história de Nero é totalmente diferente. Nero também foi um assassino em grande escala, porque como imperador de Roma ele tinha o poder de matar. De acordo com sua máxima, como sabemos da obra de Suetônio, tudo que se tem o poder de fazer é permitido. Nero sentiu prazer ao matar os cristãos, ao matar sua esposa e mãe, e ao queimar de Roma.

Porém, depois de Hitler e Stalin, Nero parece somente um tirano insignificante. É aqui que temos de introduzir um

terceiro conceito do mal, o que eu vou chamar o conceito histórico de mal. Este é um novo conceito, porque descreve um fenômeno novo.

O conceito de mal histórico nasceu inocentemente na Fenomenologia do Espírito de Hegel. Ao discutir o mundo moderno, o mundo chamado moralidade, Hegel falou do surgimento de uma nova ordem social e política. Mais tarde, ele argumentou a favor do papel histórico do mal. Que tipo de mal ele tinha em mente? A encarnação de um conceito subversivo, uma idéia subversiva, executora de ações subversivas, que inverte algumas interpretações tradicionais do bem e do mal. A encarnação de uma nova ordem mundial é um diabo perigoso e venenoso aos olhos dos defensores do antigo regime. No entanto, se esses defensores permanecem teimosos na sua demonização do novo, se eles se contrapõem ao novo, a posição será invertida – os defensores do mundo antigo irão desempenhar o papel do mal. Na obra de Hegel, a história tem um final feliz, porque os poderes do antigo e do novo são reconciliados, e uma nova ordem ética é estabelecida, que tanto nega quanto reafirma os valores do mundo antigo. O personagem do mal que tem o papel subversivo na Fenomenologia do Espírito é Napoleão, a quem Hegel saudou com entusiasmo, mesmo sendo ele o diabo encarnado aos olhos do poder do antigo regime.

“O mal histórico” desempenhou um papel semelhante, por exemplo, nas maldições dos preconceituosos contra a nova juventude burguesa que ameaçava seus privilégios e preconceitos. Este foi o momento em que a vilania exerceu uma atração bem merecida. Certamente este fenômeno não era inteiramente novo se lembrarmos de Robin Hood ou Francis Drake. No entanto, eles eram rebeldes práticos, e não rebeldes por princípio, não entusiastas ideológicos. Os rebeldes modernos eram entusiastas ideológicos, e esta foi a razão pela qual os “cora-

ções endurecidos” odiavam-nos como a raiz de todo o mal. Os dramas de Schiller estão repletos entusiastas ideológicos, combatentes da liberdade, individualistas, como também estão os dramas de Ibsen, especialmente *Norma*, e muitas peças de George Bernard Shaw, por exemplo, *O Discípulo do Diabo* ou *O Dilema do Médico*.

Os ditadores totalitários do século vinte desempenharam o papel de mal histórico, embora eles fossem demônios radicalmente maus vestidos com o traje do mal histórico. Eles jogaram o papel dos revolucionários, dos precursores de uma nova ordem mundial, embora eles pertencessem à mesma ordem mundial que os seus adversários, ou seja, o mundo moderno. Mas, com uma diferença, eles odiavam todos os tipos de liberdades. É por isso que não houve dialética no seu caso. Não poderia existir qualquer tipo de reconciliação, pois nenhum poder ético pode ser conciliado com o mal radical.

“Os males naturais” causados pelos ditadores totalitários do século vinte foram tão enormes que os números deixaram de contar. Se vinte ou trinta milhões de homens e mulheres foram assassinados não é de nenhuma consequência. A quantidade dos milhões que morreram em campos de concentração e guetos não pode ser contabilizada. O número, que é nada mais do que um número, é infinito. E quando se acrescenta a isso, como é necessário, a totalidade do dano moral perpetrado, o ódio e o medo plantado nas almas humanas, os traumas, a perda dos padrões morais, a loucura, não podemos, nem de perto, chegar ao final da numeração de atos criminosos e as suas consequências a curto ou longo prazo.

Hitler e Stalin não eram monstros, eles eram diferentes de meros animais sedentos de sangue. Eles foram os protótipos do mal radical, pois exibiam todas as características específicas do seu tipo de caráter. Eles agiram de acordo com suas máximas, e

essas máximas eram más. Eles foram motivados pela fúria, ódio e paixão por vingança. Suas máximas e suas paixões apoiavam uma as outras. Eles eram carismáticos. Eles ordenaram uma rede muito mais ampla de seguidores do que qualquer vilão radical antes deles. Multidões enormes saudaram-nos como seus deuses e os seguiram em suas mortes. Eles criaram as suas próprias imagens espelhos e não apenas dentro dos seus próprios estados, nos quais amor e medo foram misturados. Havia milhões de sombras de Hitler e Stalin, e algumas dessas sombras ainda existem até hoje.

Mas por que no século vinte? Por que o mal radical tocou suas primeiras notas na Europa por várias décadas do século vinte como nunca havia acontecido antes?

Poderíamos encher bibliotecas inteiras com livros que investigam as condições históricas do surgimento e sucesso temporário da ditadura totalitária. Eu não posso entrar na discussão no âmbito deste trabalho. Eu só quero destacar brevemente algo que eu mencionei antes. O Mal histórico teve que aparecer antes para que o mal radical pudesse então se revestir de uma fantasia histórica.

A diferença entre o mal radical moderno e o tradicional, por exemplo, aquele de Shakespeare, não deve ser procurado no submundo da alma, mas nas máximas. As máximas do mal radical moderno estão em contraste com as máximas de virtude porque não são capazes de recorrer à indiferença da natureza ou referirem-se ao caráter artificial da moralidade. Elas são máximas ideológicas. Elas são grandes modelos para mudar o mundo, para tornar o mundo inteiro um lugar totalmente diferente. Esta visão não é simplesmente ideológica, mas “planetária”. Em outras palavras, vilões radicais modernos não desafiam Deus e seus mandamentos da mesma maneira que os vilões tradicionais, eles fazem outra coisa. Eles tomam o lugar de Deus. Por exemplo, a denominada

“solução final da questão judaica” ou “o destino da raça nórdica, ariana” ou a abolição do capitalismo, a destruição do liberalismo, a vitória do comunismo global, são mais do que máximas, elas são disposições teóricas para todas as máximas possíveis. Toda máxima deve referir-se a uma ideologia e a ideologia vai produzir máximas adequadas a ela, incluindo, entre outras, a máxima “você deve assassinar”. Não é só que o assassino é indiferente ao ponto de vista da natureza, nem que você deva assassinar para seu próprio prazer e interesse, mas uma coisa diferente e maior: você deve assassinar porque o assassinato dos Judeus, estrangeiros e muitos outros é virtuoso, e isso, na verdade, é o bem porque serve ao bem. Deve-se sacrificar empatia, simpatia, generosidade de espírito e tudo que é humano no altar do fim último desenhado pela ideologia.

Tudo isso seria suficiente para falar de Hitler e Stalin como os demônios últimos, mas tudo isso também pode oferecer razões para cautela. Sabe-se que Hannah Arendt pensou na direção oposta no seu argumento a favor da banalidade do mal. Ao falar sobre a banalidade do mal, ela não tentou minimizar o impacto do mal. O que ela negou não foi a enormidade do mal cometido, mas o caráter demoníaco dos comandantes do mal. Ela chegou a esta conclusão depois de ter visto Eichmann na doca à espera de sua pena de morte no tribunal em Jerusalém. Há um aspecto do argumento de Arendt que merece mais atenção. Os personagens radicalmente maus no passado desafiaram Deus, a ordem existente da moralidade, ou ambos. Eles entraram no lugar do Outro, do Diabo, o desafiador, e é assim que eles tornaram-se diabólicos. No entanto,

Hitler e Stalin viviam num mundo em que Deus já estava morto, em concordância com Nietzsche, e fora assassinado por um mundo que poderia continuar sem ele. O mundo foi pagão assim como Hitler, ou ateístico, como Stalin, e é por isso que eles não poderiam ser demoníacos. Até este ponto, Arendt está certa. Estes pagãos viveram uma grandeza emprestada, ilusória. Eles perderam, simultaneamente, a sua grandeza emprestada com a perda do seu poder.

No entanto, gostaria de continuar, tudo isso não significa que vilões radicais modernos são “banais”. O Mal radical nunca é banal, pela razão simples que ele não é uma ocorrência cotidiana. Claro, demônios modernos florescem apenas em situações de poder. Todavia, podemos também reconhecer-lhes em *statu nascendi*, e se acreditamos que eles são banais assim como qualquer outra pessoa com más intenções ou disposições perversas, teremos a oportunidade de detectar e prevenir sua ascensão antes que seja tarde demais.

Na esfera do teatro político, bem como no privado, a detecção resulta da reflexão. Reflexão significa a distinção ou discriminação. Nem todo mal é radicalmente mal, nem toda ideologia serve como disposição para todos os males. A falta de bondade não é o mal, nem na política nem na esfera privada. No entanto, negar a importância da detecção do mal radical *in nuce* resulta em impotência. Temos que tentar fortemente encontrar o meio termo entre o fanatismo, que é principalmente associado com um ou outro tipo do fundamentalismo, e a impotência confortável, que é principalmente associada a certo tipo de relativismo. E isso não é uma tarefa simples.

Abstract: This paper examines the problem of evil in a post-metaphysical position. The distinction between good and evil seems to be an urgent task in the world after the "death of God". **Keywords:** Arendt, banality, evil, goodness, Kant, natural evil, radical evil.

